



Brasil à deriva: os retrocessos de 2021 e os desafios para 2022

AUTORAS E AUTORES DA PUBLICAÇÃO

Adriano Vilela Sampaio – Andrea Gama - Carmem Feijó - Dalton Boechat Filho

Daniel Henriques - Eduardo Mantoan - Elena Soihet – Eliane Araújo – Elisangela Araújo

Fernando Freitas – Jéssica Maldonado - Júlia Leal - Leandro Monteiro - Linnit Pessoa

Luciano Luiz Manarim D’Agostini – Luiz Macahyba – Maria Isabel Busato - Maurício A. Weiss

Norberto Montani Martins – Paula Marina Sarno - Paulo Gonzaga M. Carvalho

Pedro Lange N. Machado – Samuel Costa Peres – Stefan W. D’Amaro – Talita Cardoso Ferreira



FINDE

GRUPO DE PESQUISA EM
FINANCEIRIZAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO
Universidade Federal Fluminense

BOLETIM FINDE: v.2, n.3, 2021

BRASIL À DERIVA: RETROCESSOS DE 2021 E OS DESAFIOS DE 2022

www.finde.uff.br

EVIDÊNCIAS SOBRE PADRÕES DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO OU ESPECIALIZAÇÃO NA INDÚSTRIA MANUFATUREIRA

Eliane Araujo
Professora de Economia da Universidade Estadual de Maringá e bolsista produtividade do CNPQ .

Elisangela Araujo
Professora DCO/UEM

Samuel Costa Peres
Professor DCO/UEM

ÍNDICE

No debate sobre a desindustrialização, uma discussão que ganha cada vez mais relevância é a heterogeneidade setorial das atividades manufatureiras e como ela se relaciona com as diferentes trajetórias dos países, sejam eles desenvolvidos ou em desenvolvimento [TREGENNA E ANDREONI (2020); HAVERKAMP E CLARA, (2019)].

Esta heterogeneidade significa que, dentre os próprios subsetores da manufatura, o grau de intensidade tecnológica varia significativamente em termos de características e quantidade de produção, capacidades tecnológicas e organizacionais que são necessárias para produzir em escala eficiente, gerar inovação e competir internacionalmente. Isto implica que as trajetórias de industrialização e desindustrialização desses subsetores podem diferir substancialmente, refletindo o fato de que um país seria capaz de ser competitivo em cada subsetor, em diferentes níveis ou etapas de desenvolvimento econômico, produzindo uma parcela relativamente crescente de agregação de valor no PIB, bem como empregando um número maior de pessoas.

Sendo assim, a trajetória de industrialização envolveria pontos de inflexão entre os grandes setores, isto é, o setor manufatureiro, à medida que o país se desenvolve, não somente passa a ceder cada vez mais espaço para o setor de serviços, mas também passa por uma mudança estrutural, dentro da própria manufatura. Em outras palavras, conforme a renda *per capita*

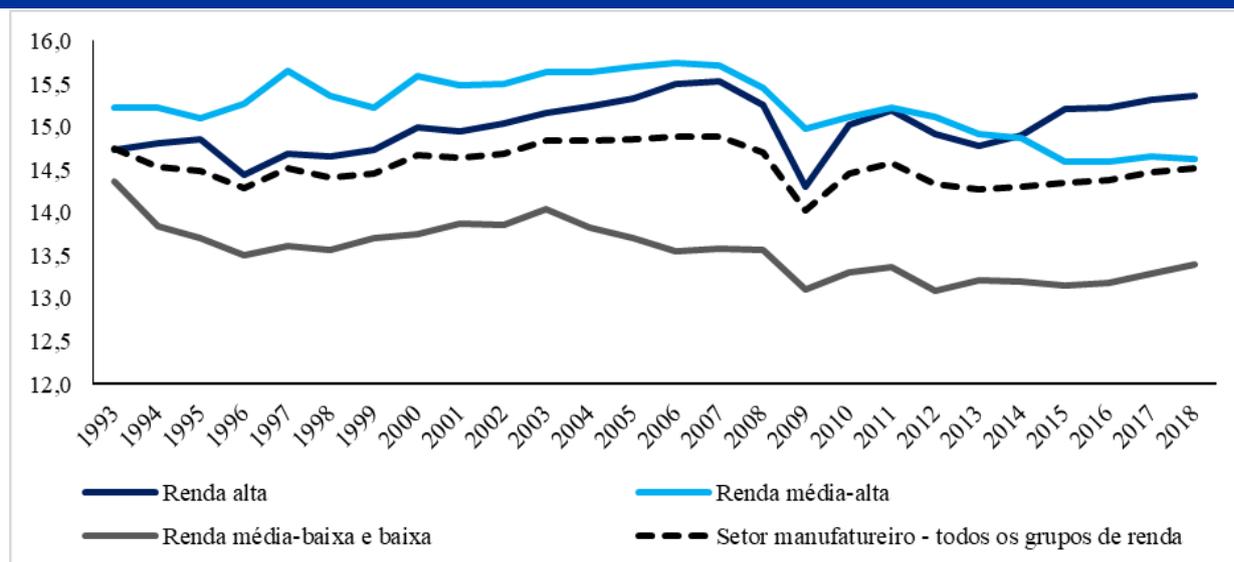
crece, as economias podem migrar de atividades ou subsetores menos intensivos em tecnologia e conhecimento, para aqueles tecnologicamente mais sofisticados aumentando a participação nessa parcela da indústria de maior tecnologia e podendo, eventualmente, até mesmo se tornarem economias totalmente baseadas em serviços. Logo, não há razões para a crença em um processo homogêneo em que a manufatura se desindustrializaria, após certo ponto da trajetória de desenvolvimento

Em vista do exposto, este trabalho se propõe a investigar os diferentes padrões de desindustrialização apresentado pelas economias mundiais nas últimas décadas, por meio de uma análise descritiva dos dados da manufatura mundial para 111 países, no período entre 1993 a 2018, com uma breve discussão acerca de seus resultados e implicações

Iniciando pelo panorama geral da indústria global pode-se observar que, no período recente, embora a contribuição do setor manufatureiro ao valor adicionado total tenha, em média, se mantido relativamente constante, este padrão não se mantém quando analisados os diferentes grupos de renda. Conforme o Gráfico 1, para uma amostra total de 111 países, a parcela média do valor adicionado do setor manufatureiro no valor adicionado total manteve-se em torno de 14,5% entre 1993 e 2018. Contudo, no grupo de países de renda alta, o setor manufatureiro teve sua participação ampliada, de 14,7% para 15,4%,



Participação do setor manufatureiro no valor adicionado total, médias por grupo de renda, 1993-2018 (% em US\$ constantes de 2015)



Fonte: Elaboração própria, a partir da base de dados da UNSD, National Accounts Main Aggregates.

Nota: Níveis de renda agrupados de acordo com a classificação do Banco Mundial. Os dados abrangem todos os países da amostra.

enquanto que o grupo das economias de renda média e baixa experimentaram uma retração. No grupo dos países de renda média, a referida parcela retraiu de 15,2% para 14,6% e, no grupo dos países de renda baixa, a queda foi de 14,4% para 13,4%.

A Tabela 1, traz essas informações, dividindo-se as economias por regiões geográficas. Nota-se que, entre 1993 e 2018, com exceção do grupo de países desenvolvidos e do leste e sul da Ásia, a contribuição do setor manufatureiro se reduziu nas demais regiões. Nestes 26 anos, a participação relativa do grupo dos países desenvolvidos cresceu 7,4%, em média; 22,0 % nas economias do leste asiático e pacífico, e 23,8% no sul da Ásia, cuja média de participação inclusive ultrapassou a média das economias desenvolvidas.

Naturalmente, o comportamento do setor manufatureiro dentro dos grupos de países é bastante heterogêneo. Entretanto, ao menos para o período analisado, os dados da Tabela 1 não parecem corroborar a expectativa geral de que o setor manufatureiro encolha à medida que os países se desenvolvem. Ao contrário, o

comportamento do setor manufatureiro parece depender muito mais de decisões políticas e peculiaridades de cada país do que simplesmente o grau de desenvolvimento econômico. Como discutido acima, há diversos países de renda per capita elevada que continuam a expandir a parcela de sua indústria no PIB, e diversos países de renda baixa que, muito provavelmente, estão se desindustrializando precocemente.

É importante considerar também que, dentre os subsetores da manufatura, o grau de intensidade tecnológica varia significativamente em termos de características e quantidade de produção, de capacidades tecnológicas e organizacionais que são necessárias para produzir em escala eficiente, gerar inovação e competir internacionalmente. Isto significa que as trajetórias de industrialização e desindustrialização desses subsetores podem diferir substancialmente, refletindo a ideia de que um país seria capaz de ser competitivo em cada subsetor em diferentes níveis ou etapas de desenvolvimento econômico, produzindo uma parcela relativamente crescente de agregação de valor no PIB, bem como empregando um número maior de pessoas.



Tabela 1—Participação do setor manufatureiro no valor adicionado total, 1993-2018 (% em US\$ constantes de 2015)

	1993	1999	2005	2011	2017	2018
Economias desenvolvidas	14.8	15.0	15.6	15.4	15.9	15.9
Alemanha	20.9	20.0	21.5	22.6	23.1	23.0
Estados Unidos	11.0	12.0	12.4	12.1	11.4	11.5
Japão	18.5	18.3	19.5	20.1	21.2	21.4
Reino Unido	15.7	14.3	12.1	11.4	10.4	10.4
Europa e Ásia Central	15.8	13.6	13.5	12.7	12.7	12.8
Rússia	16.2	15.4	16.3	14.4	14.2	14.1
Turquia	16.0	16.6	17.6	19.1	19.3	18.9
Ucrânia	20.8	19.8	19.7	17.4	14.6	14.2
América Latina e Caribe	17.6	16.8	16.5	15.3	14.4	14.3
Argentina	18.1	17.5	17.8	18.2	16.3	15.9
Brasil	16.1	15.3	16.1	14.1	12.1	12.2
Chile	18.2	15.8	15.4	13.9	12.5	12.6
Colômbia	17.3	14.7	16.2	15.0	13.4	13.3
México	18.9	20.6	19.4	18.2	18.2	18.2
Leste Asiático e Pacífico	17.1	18.2	19.9	20.6	20.6	20.8
China	30.0	29.8	30.2	32.2	29.3	29.1
Cingapura	20.0	20.9	21.7	22.6	20.5	21.1
Coreia do Sul	19.9	23.1	26.9	29.6	29.0	29.1
Malásia	20.5	22.6	25.1	23.1	22.6	22.6
Tailândia	24.9	28.2	29.3	28.7	26.7	27.3
Taiwan	19.4	19.3	22.9	28.7	32.6	32.7
Vietnã	8.8	10.4	13.7	13.8	17.2	18.1
Sul da Ásia	13.6	14.6	15.6	16.1	16.7	16.9
Bangladesh	11.1	12.6	13.4	15.3	18.7	19.7
Índia	13.4	14.2	14.8	16.4	17.1	17.0
Paquistão	11.2	10.9	13.4	13.4	13.4	13.4
Oriente Médio e Norte da África	12.1	12.0	12.5	12.5	12.0	12.0
Egito	14.0	16.8	16.9	16.6	16.0	15.9
Israel	19.4	18.5	17.5	16.0	13.3	13.1
Marrocos	19.3	19.2	17.4	17.5	17.4	17.8
Tunísia	16.9	18.1	17.5	17.1	16.0	15.8
África Subsaariana	11.9	11.2	10.8	10.7	10.3	10.3
África do Sul	15.1	15.0	15.1	14.1	13.3	13.3
Camarões	19.8	15.6	16.6	16.7	16.5	16.4
Nigéria	17.4	12.4	8.4	7.3	9.2	9.2
Senegal	22.6	21.5	20.9	20.3	18.7	18.6

Fonte: Elaboração própria, a partir da base de dados da UNSD (2021), National Accounts Main Aggregates.

Nota: Os valores regionais correspondem a médias não ponderadas. O setor manufatureiro corresponde ao setor D da ISIC Rev. 3. Amostra selecionada: Economias desenvolvidas: Austrália, Áustria, Bélgica, Bulgária, Canadá, Croácia, Chipre, Tcheca, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Irlanda, Itália, Japão, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Polônia, Portugal, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Suécia, Suíça, Reino Unido, Estados Unidos. América Latina e Caribe: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Honduras, Jamaica, México, Panamá, Paraguai, Peru, Trinidad e Tobago, Uruguai. Leste Asiático e Pacífico: Camboja, China, Hong Kong, Indonésia, República da Coreia, Malásia, Mongólia, Filipinas, Cingapura, Taiwan, Tailândia, Vietnã. Sul da Ásia: Bangladesh, Índia, Paquistão, Sri Lanka. Oriente Médio e Norte da África: Argélia, Bahrein, Egito, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Marrocos, Omã, Catar, Estado da Palestina, Tunísia, Emirados Árabes Unidos. África Subsaariana: Botswana, Burundi, Camarões, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Quênia, Madagascar, Malawi, Maurício, Namíbia, Nigéria, Ruanda, Senegal, África do Sul, Tanzânia, Zâmbia.



A Figura 2, a seguir, sugere um aspecto importante investigado na pesquisa, qual seja, a ausência de relação entre PIB per capita e o tamanho do setor manufatureiro, ou talvez uma relação levemente positiva. Porém, o resultado mais intrigante é o de que a participação no PIB da manufatura de alta tecnologia parece seguir uma relação linear positiva com o nível de renda, sugerindo que em um nível crescente de desenvolvimento econômico, a trajetória de referência entre os países é de industrialização contínua. Ou seja, pode ser que, uma vez que um país entrou em um determinado subsetor de manufatura de alta tecnologia, ele pode cada vez mais aumentar sua participação relativa de contribuição para o PIB, e não necessariamente se desindustrializar à medida em que a renda se eleva, mudando da manufatura para os serviços.

Naturalmente, o comportamento do setor manufatureiro dentro dos grupos de países é bastante heterogêneo. Entretanto, ao menos para o período analisado, os dados da Tabela 1 não parecem corroborar a expectativa geral de que o setor manufatureiro encolha à medida que os países se desenvolvem. Ao contrário, o comportamento do setor manufatureiro parece depender muito mais de decisões políticas e peculiaridades de cada país do que simplesmente o grau de desenvolvimento econômico. Como discutido acima, há diversos países de renda per capita elevada que continuam a expandir a parcela de sua indústria no PIB, e diversos países de renda baixa que, muito provavelmente, estão se desindustrializando precocemente.

É importante considerar também que, dentre os subsetores da manufatura, o grau de intensidade tecnológica varia significativamente em termos de características e quantidade de produção, de capacidades tecnológicas e organizacionais que são necessárias para produzir em escala eficiente, gerar inovação e competir internacionalmente.

Isto significa que as trajetórias de industrialização e desindustrialização desses subsetores podem diferir substancialmente, refletindo a ideia de que um país seria capaz de ser competitivo em cada subsetor em diferentes níveis ou etapas de desenvolvimento econômico, produzindo uma parcela relativamente crescente de agregação de valor no PIB, bem como empregando um número maior de pessoas.

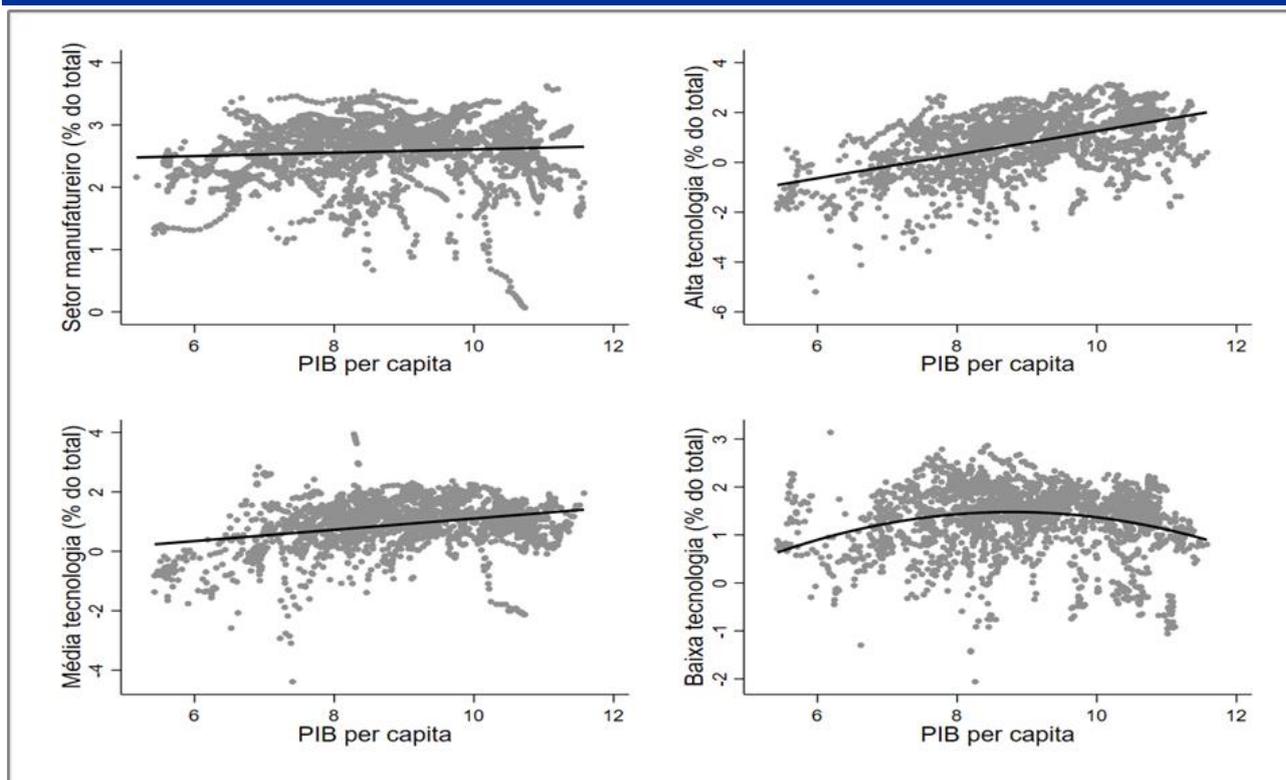
A Figura 2, a seguir, sugere um aspecto importante investigado na pesquisa, qual seja, a ausência de relação entre PIB per capita e o tamanho do setor manufatureiro, ou talvez uma relação levemente positiva. Porém, o resultado mais intrigante é o de que a participação no PIB da manufatura de alta tecnologia parece seguir uma relação linear positiva com o nível de renda, sugerindo que em um nível crescente de desenvolvimento econômico, a trajetória de referência entre os países é de industrialização contínua. Ou seja, pode ser que, uma vez que um país entrou em um determinado subsetor de manufatura de alta tecnologia, ele pode cada vez mais aumentar sua participação relativa de contribuição para o PIB, e não necessariamente se desindustrializar à medida em que a renda se eleva, mudando da manufatura para os serviços.

A mesma relação pode ser observada com respeito aos subsetores de média tecnologia, embora a inclinação seja menor que a observada no subsetor de alta tecnologia. Já para o subsetor de baixa tecnologia, os dados parecem corroborar em alguma medida a tendência esperada de desindustrialização conforme os países se desenvolvem.

Os dados da Tabela 2, a seguir, oferecem um panorama da contribuição dos subsetores manufatureiros ao PIB, por nível tecnológico. É importante esclarecer, inicialmente, que os dados das Tabelas 1 e 2 não são diretamente comparáveis, pois as fontes são diferentes e,



Gráfico 2 – Participação do setor manufatureiro e dos subsetores tecnológicos no valor adicionado total versus o PIB per capita, 1993-2018



Fonte: Elaboração própria, a partir da base de dados da UNSD e UNIDO INDSTAT2.

Nota: Subsetores agrupados de acordo com o nível de tecnologia a partir da classificação UNIDO. Os dados estão em escala logarítmica e abrangem todos os países da amostra.

principalmente, há lacunas nas séries da INDSTAT2. No entanto, os dados permitem a observação de algumas tendências interessantes nos países que compõem cada grupo regional, particularmente, em termos de especialização dentro do setor manufatureiro.

Conforme se vê, no período 1993-2018, a estrutura produtiva das economias desenvolvidas tem se concentrado cada vez mais em atividades tecnologicamente mais sofisticadas, embora as atividades de baixa tecnologia ainda respondam, em média, por parte importante do valor adicionado do setor manufatureiro. No Leste asiático, destaca-se o impressionante crescimento do setor alta tecnologia, enquanto o movimento do setor de média tecnologia é mais modesto, e há uma manutenção ou ligeira queda da produção de baixa tecnologia. Pela média dos grupos, a contribuição do setor de alta tecnologia às economias da região parece já ser superior à contribuição equivalente nos países

desenvolvidos. A predominância de atividades de baixa tecnologia também cresce nas economias da América Latina e o Caribe e da África Subsaariana, com a diferença de que, nas primeiras, a composição do valor adicionado tem se movido também em favor dos segmentos de média tecnologia, enquanto os de alta tecnologia mantêm-se estáveis, e no segundo grupo de economias, o subsetor de baixa tecnologia têm contribuído ainda mais para a geração de riqueza, em detrimento dos subsetores de alta e média tecnologia. Nas economias em desenvolvimento da Europa e Ásia Central, o setor de baixa tecnologia também é o de maior contribuição no PIB, contudo, este parece estar encolhendo ao longo do período, enquanto o setor de média tecnologia cresce de forma acelerada, o de alta tecnologia mantém-se relativamente estável.

Em relação ao emprego no setor manufatureiro, o quadro é ligeiramente distinto do valor adicionado. Conforme mostra a Tabela 3, entre



Tabela 2 - Participação dos subsetores da manufatura no valor adicionado total, médias por região e nível de tecnologia, 1993-2018

	1993	1999	2005	2011	2017	2018
Economias desenvolvidas						
Alta tecnologia	3.8	4.5	5.6	6.9	5.9	6.3
Média tecnologia	2.5	2.6	3.7	4.0	3.6	3.8
Baixa tecnologia	4.8	4.4	5.0	5.2	4.4	4.6
Europa e Ásia Central						
Alta tecnologia	2.5	1.3	1.8	2.7	2.9	2.9
Média tecnologia	2.8	2.0	3.0	5.7	4.3	4.4
Baixa tecnologia	5.8	3.3	3.3	5.3	4.3	4.6
América Latina e Caribe						
Alta tecnologia	2.5	1.8	2.3	3.5	2.9	2.9
Média tecnologia	2.1	1.9	3.2	4.2	2.8	2.8
Baixa tecnologia	4.1	3.9	4.6	6.9	5.8	5.8
Leste Asiático e Pacífico						
Alta tecnologia	5.5	4.9	6.3	8.7	9.0	9.1
Média tecnologia	3.2	2.0	2.9	4.6	4.4	4.4
Baixa tecnologia	5.2	3.3	3.5	5.3	5.5	5.4
Sul da Ásia						
Alta tecnologia	1.3	1.7	3.1	3.0	2.4	2.4
Média tecnologia	1.1	1.3	2.9	3.2	3.2	3.1
Baixa tecnologia	3.2	3.2	-	5.0	5.7	5.4
Oriente Médio e Norte da África						
Alta tecnologia	1.3	2.1	2.0	3.5	3.1	3.1
Média tecnologia	2.7	2.9	3.3	8.9	5.6	5.5
Baixa tecnologia	3.0	3.6	3.2	3.8	3.7	3.6
África Subsaariana						
Alta tecnologia	1.8	0.8	1.1	1.4	1.1	1.2
Média tecnologia	2.0	1.6	2.3	2.3	1.7	1.8
Baixa tecnologia	5.6	5.0	5.5	7.2	6.6	6.8

Fonte: Elaboração própria, a partir da base de dados da UNIDO, INDSTAT2.

Notas: As médias dos subsetores são limitadas aos países com observações consistentes ao longo do período. As amostras de grupos de países são as seguintes: Países desenvolvidos: Austrália, Áustria, Bélgica, Bulgária, Canadá, Croácia, Chipre, Tcheca, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Irlanda, Itália, Japão, Letônia, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Polônia, Portugal, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Suécia, Suíça, Reino Unido, Estados Unidos da América; Europa e Ásia Central: Quirguistão, Moldávia, Macedônia do Norte, Rússia, Turquia; América Latina e Caribe: Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Peru, Uruguai; Leste Asiático e Pacífico: China, Hong Kong, Indonésia, Coreia, Malásia, Mongólia, Filipinas, Cingapura, Tailândia, Vietnã. Sul da Ásia: Índia, Sri Lanka. Oriente Médio e Norte da África: Argélia, Egito, Irã, Israel, Jordânia, Kuwait, Marrocos, Omã, Qatar, Estado da Palestina, Tunísia. África Subsaariana: Botswana, Quênia, Maurício, África do Sul, Tanzânia.

1993-2018, a média de participação do emprego nas atividades manufatureiras relativamente ao emprego total reduziu-se de 21,0% para 14,4% nas economias avançadas, mais acentuadamente nas atividades baixa tecnologia. O fato de o emprego manufatureiro estar se reduzindo neste período, ao contrário da contribuição do setor no PIB, reflete provavelmente que a produtividade na manufatura é mais elevada que em outros

setores. Este comportamento também é observado no Leste asiático embora, aparentemente, essa redução não esteja ocorrendo nos subsetores de média e alta tecnologia, apenas nos de baixa tecnologia.

Nas economias em desenvolvimento da Europa e Ásia Central, América Latina e Caribe, Oriente Médio e Norte da África, e África Subsaariana, a



Tabela 3—Participação da manufatura geral e subsetores no emprego total, médias por região e nível de tecnologia, 1993-2018

	1993	1999	2005	2011	2017	2018
Economias desenvolvidas	21.0	19.2	17.4	14.7	14.4	14.4
Alta tecnologia	5.6	5.1	4.6	4.3	4.2	4.2
Média tecnologia	3.8	3.6	3.5	3.0	3.0	3.0
Baixa tecnologia	7.9	7.3	6.6	5.1	4.9	4.9
Europa e Ásia Central	14.9	12.5	11.7	10.9	11.5	12.0
Alta tecnologia	4.5	2.1	1.9	1.5	1.5	1.6
Média tecnologia	3.0	2.1	2.0	1.9	1.8	1.9
Baixa tecnologia	7.1	4.5	4.4	4.1	4.4	4.5
América Latina e Caribe	15.1	13.7	12.4	11.4	11.0	11.0
Alta tecnologia	1.0	0.8	0.9	1.2	1.1	1.1
Média tecnologia	1.0	0.8	0.9	1.1	0.9	0.9
Baixa tecnologia	3.5	3.0	3.7	3.9	3.4	3.4
Leste Asiático e Pacífico	17.0	15.3	14.5	14.3	14.7	14.8
Alta tecnologia	4.1	3.9	4.1	4.1	4.1	4.1
Média tecnologia	2.2	2.0	2.1	2.1	2.2	2.1
Baixa tecnologia	5.3	3.5	3.7	3.5	3.6	3.5
Sul da Ásia	12.3	12.2	13.3	14.1	15.4	15.3
Alta tecnologia	0.6	0.5	0.5	0.6	0.9	0.9
Média tecnologia	0.8	0.7	0.5	0.8	0.9	0.9
Baixa tecnologia	3.7	3.0	1.0	3.5	7.5	8.0
Oriente Médio e Norte da África	12.7	12.6	12.2	11.1	10.8	10.7
Alta tecnologia	1.5	1.5	1.5	1.6	1.8	1.7
Média tecnologia	2.2	2.1	2.4	2.2	2.2	2.2
Baixa tecnologia	4.6	4.6	4.1	3.9	3.6	3.6
África Subsaariana	8.4	8.0	6.7	6.1	5.9	5.9
Alta tecnologia	1.4	1.0	0.8	0.8	0.7	0.7
Média tecnologia	1.2	0.9	0.9	0.8	0.9	0.9
Baixa tecnologia	7.6	5.9	4.5	3.5	3.6	3.6

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Key Indicators of the Labour Market, da OIT, e UNIDO INDSTAT2.

Notas: Os dados da OIT são usados para o emprego geral na indústria e para toda a amostra de países, e INDSTAT2 para os subsetores e uma amostra limitada de países devido à falta de dados. Para os dados dos subsetores, os grupos de países são iguais aos da Tabela 2.

redução geral do emprego manufatureiro também é observada. Exceto na Europa e Ásia Central e África Subsaariana, em que a queda é consistente em todos os subsetores, nas duas outras regiões a redução do emprego é mais concentrada nos segmentos baixa tecnologia, mantendo-se praticamente inalterado nos demais subsetores. Interessante observar, que a única região em que o emprego industrial cresceu no período é o Sul da Ásia, basicamente devido ao forte crescimento do emprego nas atividades de baixa tecnologia.

Portanto, os dados mostram que existe uma considerável heterogeneidade nas observações para o setor manufatureiro, seja em termos de valor adicionado ou de emprego, seja em termos de grupos tecnológicos. Enquanto a estrutura produtiva nas economias desenvolvidas, além de um pequeno grupo de países em desenvolvimento, tem se concentrado cada vez mais em atividades tecnologicamente mais sofisticadas, na maioria dos países em desenvolvimento, são as atividades de baixa tecnologia que respondem pela maior parte do



valor adicionado do setor manufatureiro e das exportações.

No entanto, é sabido que o sucesso dos países em se mover para as atividades da indústria manufatureira mais avançada é crucial para o crescimento da produtividade (RODRIK, 2016, PALMA, 2014, TREGENNA, 2009). Nas economias avançadas, permite a manutenção de um setor industrial expressivo e a obtenção de crescimento. Já nos países em desenvolvimento, é fundamental para o processo de *catching up*, uma vez que tais setores têm mais condições para ampliar o escopo para a criação e captura de valor e a mudança tecnológica. Por esta razão, é de suma importância que se busquem respostas políticas efetivas, em particular nas economias em desenvolvimento, considerando-se a natureza específica da desindustrialização em contextos particulares a cada país.

Referências

- HAVERKAMP; K. CLARA, M. (2019). Four shades of deindustrialization. Inclusive and Sustainable Industrial Development. United Nations Industrial Development Organization (UNIDO). Working Paper 2/2019.
- PALMA, J. G. (2014). De-industrialisation, 'premature' de-industrialisation and the dutch-disease. Revista NECAT. Ano 3, nº5 Jan-Jun de 2014.
- RODRIK, D. (2016). 'Premature deindustrialisation', *Journal of Economic Growth*, 21, 1-33.
- TREGENNA, F.; ANDREONI, A. (2020). Deindustrialisation reconsidered: Structural shifts and sectoral heterogeneity. UCL - Institute for Innovation and Public Purpose, Working Paper Series (IIPP WP 2020-06). Available at: <https://www.ucl.ac.uk/bartlett/public-purpose/wp2020-06>
- TREGENNA, F., (2009). Characterizing deindustrialization: an analysis of changes in manufacturing employment and output internationally. *Cambridge Journal of Economics*. 33.
- UNIDO INDSTAT2. (2021). United Nations Industrial Development Organization: Industrial Statistics Database. United Nations, Vienna. Available at: <https://stat.unido.org/>. Acesso em 15/08/2021.
- UNSD. (2021). United Nations Statistics Division: National Accounts Main Aggregates Database. United Nations, New York. Available at: <https://unstats.un.org/>. Acesso em 21/08/2021.



BOLETIM DO GRUPO FINDE

Edição quadrimestral: v.2, n.3, set/dez de 2021.
ISSN: 2675-7389

É uma publicação do grupo de pesquisa em **Financeirização e Desenvolvimento** que reúne reflexões acerca dos impactos sociais e econômicos no Brasil da **Pandemia do Covid-19 e implicações futuras**. As análises são apresentadas em formato de artigos e conta com a colaboração de economistas e cientistas políticos.



FINDE

GRUPO DE PESQUISA EM
FINANCEIRIZAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO
Universidade Federal Fluminense

SOBRE O FINDE:

O grupo de pesquisa em Financeirização e Desenvolvimento (FINDE), sediado na Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, congrega pesquisadores e alunos de pós-graduação da UFF e de outras instituições, interessados em discutir questões acadêmicas relacionadas ao avanço do processo de financeirização e seus impactos sobre o desenvolvimento socioeconômico das economias modernas.

O propósito do grupo é produzir estudos sobre como o avanço da financeirização tem transformado o ambiente macroeconômico condicionando decisões econômicas de famílias, firmas e governos, com desdobramentos sobre a dinâmica das economias no curto e no longo prazo.

A pauta de pesquisa é extensa e abarca temas da microeconomia – tomada de decisão dos agentes; funcionamento de mercados específicos; incentivos aos processos de inovação e desenvolvimento tecnológico – da macroeconomia – instabilidade financeira sistêmica; regulação do sistema financeiro; autonomia e eficácia de política econômica; assimetrias internacionais – e da interação entre estas duas dimensões analíticas.

COORDENAÇÃO DO GRUPO:

Carmem Feijó - Professora Titular de Economia (UFF)

VICE-COORDENAÇÃO:

Adriano Sampaio - Professor de Economia (UFF)

ENDEREÇO:

R. Prof. Marcos Valdemar de Freitas Reis, s/n, Niterói
– Faculdade de Economia, Bl F, 5º Andar

CONSELHO EDITORIAL DO BOLETIM:

Carmem Feijó – Editora Chefe

Adriano Vilela Sampaio - Editor

Fernanda Feil - Editora

EDITORES ASSOCIADOS:

Caio César de Azevedo, Daniel Consul,

Daniel Henriques, Eduardo Mantoan, Júlia Leal,

Linnit Pessoa e Vinicius Centeno

CONTATO DAS AUTORAS E AUTORES

Adriano Vilela Sampaio

adrianovs@id.uff.br

Andrea Gama

andreagama@id.uff.br

Carmem Feijó

cbfeijo@gmail.com

Dalton Boechat Filho

daltonboechat@gmail.com

Daniel Henriques

danielhenriques1987@gmail.com

Eduardo Mantoan

eduardo.mantoan@hotmail.com

Elena Soihet

elenasoihet@gmail.com

Eliane Araújo

elianedearaujo@gmail.com

Elisângela Araújo

elisangela15.araujo@gmail.com

Fernando Freitas

fernando.jgomes.freitas@gmail.com

Jéssica Maldonado

Júlia Leal

juliaa.leal@hotmail.com

Leandro Monteiro

leandroalmeida@gmail.com

Linnit Pessoa

linnitpessoa@gmail.com

Luciano Luiz M. D'Agostini

lucianodagostini@yahoo.com.br

Luiz Macahyba

luizmacahyba@pped.ie.ufrj.br

Maria Isabel Busato

maria.busato@ie.ufrj.br

Maurício A. Weiss

mauricio.aw@gmail.com

Norberto Montani Martins

norberto.montani@gmail.com

Paula Marina Sarno

pmsarno@gmail.com

Paulo Gonzaga M. Carvalho

pgmcarvalho@openlink.com.br

Pedro Lange N. Machado

pedrolangenm@gmail.com

Samuel Costa Peres

scperes2@uem.br

Stefan W. D'Amaro

Talita Cardoso Ferreira

MAIS INFORMAÇÕES:

E-Mail: findeuff@gmail.com

Site: www.finde.uff.br

Facebook: findeuff

Instagram: findeuff

Twitter: findeuff

Youtube: /Financeirização Desenvolvimento



FINDE

GRUPO DE PESQUISA EM
FINANCEIRIZAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO
Universidade Federal Fluminense

ONDE ESTAMOS:

R. Prof. Marcos Valdemar de Freitas Reis, s/n,
Faculdade de Economia, Bl F, 5º Andar
Gragoatá - Niterói - RJ
24210-200

findeuff@gmail.com



www.finde.uff.br